



Ano XXXI - Nº323 - 9 e 10/2019 - Joinville-SC



ISSN 2237-2164

IMPRESSO
Exemplar de assinante/anunciante

www.jornaldaeducacao.inf.br

Lançada 2ª edição do Caderno Científico



www.jornaldaeducacao.inf.br/edicao-digital

A segunda edição da revista científica digital do Jornal da Educação já está disponível no portal do JE (www.jornaldaeducacao.inf.br/edicao-digital-pdf.html).

Sem restrição de acesso e sob a coordenação científica de Norberto Dallabrida (UDESC) e Douglas Leutprecht (UNISOCIESC), a segunda edição é composta por cinco artigos e uma resenha.

Entre os artigos, dois tratam de questões metodológicas: “Importante contribuição do jogo da velha na aprendizagem do jogo de xadrez na series iniciais do EF” e “Guerra Fria na terra do samba em ‘O homem do Sputnik’: o uso do cinema na sala de aula”.

O ensino é analisado nos artigos “Da Ditadura Militar ao processo de democratização: os projetos políticos governamentais inseridos no Ensino de História” e “Análise do Ensino Técnico e Profissional na CPLP: caso de estudo Cabo Verde”.

A publicação traz ainda o artigo “Mandado de segurança e intervenção de terceiro no reconhecimento do nexu técnico epidemiológico”.

A resenha de autoria de Fernanda Gomes Vieira é sobre o livro *Movimentos Orgânicos e Conjunturais: Uma Historiografia Crítica da História da Educação*, de Dermeval Saviani, sobre o tempo da história e a construção do campo educacional brasileiro.

Professora de Joinville é a Educadora Inovadora 2019



A professora de história Ângela Maria Vieira desenvolveu o projeto de combate ao racismo e xenofobia com quatro turmas do 2ºano do EM, da EEB Dr. Jorge Lacerda. **Pág 4**



Acesse o portal do Jornal da Educação e saiba como ter resenhas, artigos científicos e de opinião e relatos de experiência de professores publicados no JE Caderno Científico - a revista científica digital de Santa Catarina.

www.jornaldaeducacao.inf.br/artigos-cientificos

É preciso devolver os pais e alunos aos professores

Até o final da década de 1980, o professor era o responsável pelo ensino e estava em contato direto com os pais de seus alunos. Os pais eram os principais defensores do valor da escola e estabeleciam regras e limites aos filhos.

Os filhos eram confiados aos professores por seus pais. Não havia intermediários nesta relação de respeito ao saber e confiança na sabedoria do mestre. Os responsáveis pelo educando, compareciam à escola nas reuniões periódicas programadas pela escola, com muito respeito e até veneração, para conversar com o professor ou professora de seu filho ou filha e ninguém mais.

Não raro, o professor era procurado pelos pais para receberem orientação de como lidar com as dificuldades de aprendizagem da criança que era efetivamente o centro dos cuidados de todos.

Cada um fazia a sua parte. O professor planejava e executava o ensino. Os pais ensinavam o valor e o respeito ao professor. O diretor administrava a estrutura escolar visando a criar um ambiente favorável à aprendizagem. Boa parte da manutenção e ampliação das escolas era feita pelos pais.

Nas escolas maiores, os diretores e demais trabalhadores auxiliavam os professores e os pais, nessa relação de amor incondicional pelo ensino. Seu papel não interferia de modo algum na comunicação entre os pais e professores.

O aluno era do professor, assim como o paciente é do médico. Os pais sempre entregaram seus filhos ao professor, o profissional responsável por ensinar seu filho, e não à escola.

Afinal, pessoas se relacionam e aprendem com pessoas e não com instituições, que são somente o local no qual as pessoas se aproximam (ou se afastam) umas das outras.

Com a abertura democrática e o crescimento da interferência política partidária na escolha dos diretores, foi sendo instituída uma nova e contraditória forma de intervir na aprendizagem. Indicados por políticos, os diretores de escola, em sua quase totalidade, ganhou dois "patrões".

A relação com os pais passou, de puramente pedagógica na relação com o aluno, para a de eleitores. Nesta nova configuração de escola, a aprendizagem dos filhos foi sendo gradativamente transformada em moeda de troca.

Ao mesmo tempo, o professor foi sendo destituído de sua função primária: ensinar. Transformado em um profissional em serviço na educação, perdeu, aos olhos dos gestores, de muitos pais e até mesmo dos alunos, o poder sobre o processo do ensino. É como se ele necessitasse do aval de alguém que está do lado de fora para cumprir sua função dentro da sala de aula.

Gradativamente, a equipe gestora passou a intermediar na comunicação entre o profissional em atividade na sala de aula e os pais de seus alunos.

Sob a alegação de que os pais não gostam dessa ou daquela atitude ou estariam dispostos a processar o professor, se colocam entre os dois, visando "proteger o profissional".

Talvez esta tenha sido a estratégia que mais contribuiu para acelerar o proces-

so de desvalorização do professor, pois repassa à família, a ideia de ser um profissional sem autonomia.

Ao mesmo tempo, foi sendo tirado dos pais a responsabilidade de prover os filhos das necessidades básicas, como comer, vestir e ter material escolar. Merenda, material escolar e uniforme passaram a ser ofertado graciosamente pela escola.

"Tutelados" pelo poder público, pais e professores foram sendo desautorizados perante aos próprios filhos e alunos. Tratados como incapazes de cumprir seus papéis primordiais, os responsáveis pelo ensino perderam as condições para assegurar a aprendizagem e se tornaram reféns da estrutura escolar.

Os ruídos provocaram falhas na comunicação entre quem deveria ensinar e quem deveria ajudar o filho a aprender. E, assim como em todo processo de comunicação em que há um intérprete, versões diferentes de conteúdos chegam aos interlocutores.

Entre os principais ruídos nessa comunicação indireta estão:

1- O professor é considerado incapaz ou é impossibilitado de conversar diretamente com os pais, a quem é atribuído por meio de ações, o poder de escolher o que e como ensinar ao filho.

2- O pai ou mãe se sente no direito de ir à escola sem agendar com a professora de seu filho e a direção permite que 'mande recado' por meio de outro profissional da escola ou pior, tira o professor da sala de aula.

3- A direção da escola não privilegia a permanência do professor em sala de aula, interrompendo a aula de 30 alunos

para atender aos caprichos de um pai que foi à escola sem agendar.

Para reverter este processo, o encontro entre pai e professor deve ser marcado num horário viável prioritariamente ao professor e, preferencialmente, na hora atividade, conforme prevê a lei brasileira.

Os pais precisam poder confiar seu filho ao professor. Pois a eles cabe ensinar o valor da escola, o necessário respeito ao professor, O **PROFISSIONAL DA EDUCAÇÃO**. Vale lembrar que os ruídos interferem na comunicação, no humor e até mesmo na sanidade mental dos interlocutores. Nesse processo, o único a perder é o aluno.

Cabe ressaltar que é o professor o executor das políticas públicas e currículos definidos pela sociedade. Dentre todos os profissionais em exercício na escola, o que tem a formação e a atribuição de ensinar. É quem está na sala de aula e é somente ele que sabe o que deve ser feito para que aquele ser humano em formação aprenda mais e melhor para a sua vida.

Aos diretores e equipe gestora cabe pura e tão somente estabelecer os limites aos alunos e da participação dos pais na escola. A diretora da escola deve eliminar os "ruídos da comunicação" entre os pais, mães ou responsáveis pelo aluno e sua professora ou professores.

É a equipe gestora da escola que deve devolver os alunos e seus pais aos professores. Deste modo, a diretora ou gestores estarão devolvendo a si e à escola, sua incumbência primária: ensinar nossas crianças a responsabilizar-se pelos próprios atos e escolhas e pela própria aprendizagem.

OPINIÃO DO LEITOR

Por Reginaldo Silva(*)

Falando sobre os desafios dos alfabetizadores em tempos de BNCC

Homologada a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) para a Educação Infantil, Ensino Fundamental e para o Ensino Médio; iniciamos uma nova era na Educação Brasileira com inovações desafiadoras para todos os seguimentos. Em particular para nós Alfabetizadores a Base Nacional Curricular trás algumas mudanças significativas: 1) Alfabetização deve ocorrer em até dois anos; prazo limite no 3º. ano com foco nas questões ortográficas 2) O Foco principal da Ação Pedagógica na Alfabetização são as especificidades da apropriação do sistema alfabético de escrita; 3) A linguagem é a forma de interação e o estabelecimento da centralidade nos textos; 4) O documento da BNCC mescla na Alfabetização a perspectiva construtivista e a consciência fonológica; 5) Os campos de atuação e a proposta de contextualizar as práticas de linguagem pelo multiletramento. Falando sobre o **MULTILETRAMENTO**; é uma das novidades da BNCC, pois amplia a maneira de pensar alfabetização, pois implementa textos multissemióticos e multimidiáticos e dá destaque principalmente as várias linguagens e aos usos dos recursos tecnológicos: **ALFABETIZAÇÃO EM CONTEXTOS DE MULTILETRAMENTOS**. Sobre a redução do tempo da Alfabetização de três anos para dois anos temos que ter o entendimento que é apenas

uma "Marca de Tempo", pois já é sabido por todos que o letramento e o multiletramento são anteriores à inserção da criança na escola. Nesta "Marca de Tempo" de dois anos é importante estarmos atentos e lançar nosso olhar para as habilidades que o documento da BNCC que irá nos apoiar e facilitar o nossos trabalhos pedagógicos: O quê... E como planejar... Enfim, nestes dois anos de alfabetização o nosso desafio é fazer com que a criança assimile e construa o sistema de Escrita Alfabética para que ela de algum modo possa grafar, ler e compreender com alguma autonomia percebendo algumas regularidades ortográficas. Para que a alfabetização realmente se consolide nestes dois anos; o papel do professor não é de um observador do processo, é sim, o mediador, o que irá da melhor maneira possível saber intervir para que todas as crianças possam vencer com tranquilidade seus conflitos visando à equidade, que pressupõe reconhecer que as necessidades dos estudantes são diferentes. Outro desafio não só para o seguimento do processo de alfabetização, mas para todos os seguimentos do processo da educação será a "Centralidade dos Textos". O desafio aqui, é como iremos inserir os textos que circulam nas culturas para dentro da sala de aula que faça sentido e significado para os alunos. Estudar um gênero textual ou produzi-lo não significa estar trabalhando uma prática social, cabe ao professor ter a percepção de aproveitar bons momentos para inserir determinado tipo de texto;

não somente porque faz parte do currículo. Uma boa dica para garantir trabalhos referentes à "Centralização dos textos" são duas Modalidades Organizativas: Os Projetos e as Sequências Didáticas, pois em ambas cabem tudo: Objetivos, finalidades, para quem escreve e os propósitos, produção de textos em contextos férteis, seleção dos melhores gêneros textuais para cada etapa e oralidade, além da inserção dos elementos culturais da infância: As músicas, brincadeiras da infância, os jogos, boas literaturas, atividades de leituras e escritas em suas dosagens e outros. É preciso planejar e criar boas Zonas de Desenvolvimento Proximal; um conceito muito importante para nós educadores; quando o outro potencializa em mim um conhecimento informação; garantindo assim, planos de Intervenção Conscientes para alfabetização inicial, não basta classificá-las em isto ou aquilo e colocá-las em caixinhas; é preciso saber intervir. Por fim, sabemos que alfabetizar e alfabetizar-se não são uma tarefa muito fácil, há muito que refletir sobre a alfabetização; cabe a cada alfabetizador buscar conhecimentos, estudos e principalmente estar avaliando o seu trabalho pedagógico em sala de aula, verificando assim se esta no caminho certo para avanços ou retomadas do processo. Um ótimo ano letivo para todos os alfabetizadores de Santa Catarina.

*Reginaldo Silva é Supervisor Escolar

EXPEDIENTE

Ano XXXIII - Nº 323 - Setembro - Outubro 2019

Rua Padre Kolb, 99 Bl 12/104
89202-350 Joinville - SC

Fone: (47) 3433 6120 e 984150630

Endereço Eletrônico:

www.jornaldaeducacao.inf.br
jornalismo@jornaldaeducacao.inf.br

Jornalista Responsável:

Maria Goreti Gomes DRT/SC

ISSN 2237-2164

Reg. Especial de Título nº 0177593

Impressão: AN

Tiragem desta edição: 4000

Distribuição dirigida a assinantes, anunciantes e estabelecimentos de ensino dos municípios das regiões educacionais de Joinville e São Bento do Sul.

Os artigos e colunas assinados são de responsabilidade de seus autores

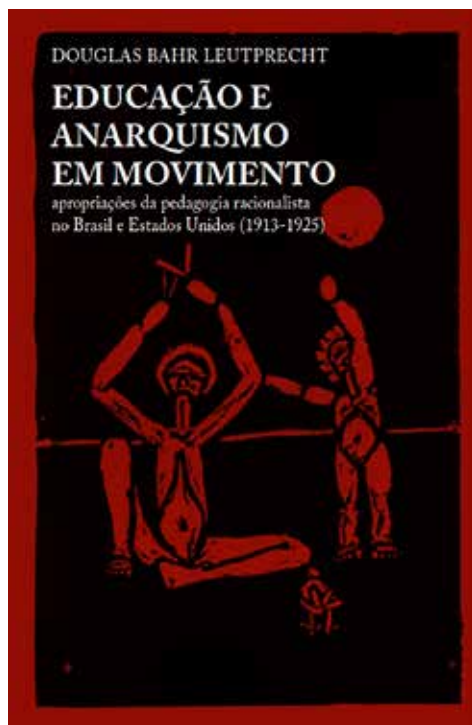
Livro faz estudo sobre o anarquismo no Brasil e USA

A obra provoca o debate, sobre o que os professores fazem com os currículos que chegam às suas mãos, especialmente em tempos de Base Nacional Comum Curricular e Currículo Base do Território Catarinense.

Joinville - Como as escolas se apropriam do currículo é o tema central do livro *“Educação e anarquismo em movimento: apropriações da pedagogia racionalista no Brasil e Estados Unidos (1913 – 1925)”*, fruto da tese de doutorado de Douglas Bahr Leutprecht, lançado pela editora Ambiente Arejado Publicações, em setembro.

O autor trata de como duas instituições distintas, a Escola Moderna Nº1, em São Paulo, e a Escola Moderna de Stelton, em New Jersey, se apropriaram da mesma proposta educativa: a da Escola Moderna de Barcelona, que gira em torno de Francisco Ferrer y Guardia, educador anarquista catalão.

A obra abrange os principais pressupostos teórico-metodológicos do pensamento libertário em educação. A leitura auxilia àqueles que querem entender melhor o que realmente é feito de todas as teorias e currículos a que os professores são submetidos. Em outras palavras,



como se apropriam disso tudo.

Em sua pesquisa, o autor foi além dos documentos político-pedagógicos das instituições, entrou também nos resquícios do cotidiano escolar, utilizando como fonte de pesquisa textos produzidos pelas crianças, relatos de professores, fotografias, entre outros materiais.

Publicado pela editora Ambiente Arejado, o livro pode ser adquirido por meio da página da editora no Facebook ou pelo e-mail: ambientearejado@gmail.com, por R\$ 35,00.

Olimpíada de Matemática

Inscrições Para Alunos de 4º e 5º Anos estão abertas até 10 de Outubro

As inscrições para a 2ª olimpíada brasileira de matemática das escolas públicas (obmep) para estudantes do 4º e 5º anos do ensino fundamental matriculados em escolas municipais, estaduais e federais, começaram no dia 9 de setembro.

Alunos matriculados em outras modalidades, como educação de jovens e adultos (EJA), estão aptos a participar desde que sua série escolar corresponda ao 4º ou 5º ano do ensino fundamental.

Gratuitas, as inscrições devem ser feitas em nome das escolas por meio das secretarias de educação — municipais ou estaduais — ou pelos representantes das escolas federais até 10 de outubro. Leia o regulamento aqui.

A prova, com 15 questões objetivas, com cinco alternativas, sendo apenas uma correta, será aplicada nas escolas inscritas em 29 de outubro. O conteúdo das provas



segue os parâmetros curriculares nacionais para alunos de 4º e 5º anos do fundamental. As questões estimulam o raciocínio lógico e a criatividade.

A prova é realizada pelo Instituto de Matemática Pura e Aplicada (IMPA) com apoio da Sociedade Brasileira de Matemática (SBM), do Ministério da Ciência, Tecnologia, Inovações e Comunicações (MCTIC) e do Ministério da Educação (MEC).

No ano passado, um total de 1,5 milhão de alunos, de 20 mil escolas públicas de todo Brasil, participou da olimpíada.



Isenção de IPI e IOF na aquisição de carro novo: saiba se você tem direito

Você já ouviu falar da isenção de IPI e IOF para aquisição de veículo? Quer saber como funciona?

Por Kamila Sales*

O QUE É IPI E IOF?

O Imposto sobre Produtos Industrializados (IPI) incide sobre produtos industrializados, nacionais e estrangeiros. O Imposto sobre Operações Financeiras (IOF) tem com intuito ser um regulador da economia nacional.

QUEM TEM DIREITO?

IPI: Podem exercer requerer a isenção de IPI as pessoas com deficiência física, visual, mental severa ou profunda, ou autistas, ainda que menores de 18 (dezoito) anos, diretamente ou por intermédio do seu representante legal.

Ressalta-se este benefício não isenta apenas o condutor do veículo, podendo ser concedido ainda que o beneficiário seja menor de idade.

IOF: A isenção de IOF poderá ser exercido por pessoa com deficiência física que apresente incapacidade total para dirigir automóvel convencional atestada por laudo emitido pelo Departamento de Trânsito (Detran) do estado onde o requerente reside em caráter permanente, o qual deve especificar as adaptações especiais que devem ser feitas no veículo a fim de permitir sua condução pela pessoa com a deficiência atestada.

NÃO TENHO CNH POSSO REQUERER O ISENÇÃO DE IMPOSTOS?

Você poderá requerer a isenção de IPI e habilitar até 3 (três) condutores, todavia, o carro deverá estar no nome do beneficiário.

EXISTE RESTRIÇÃO NA ISENÇÃO?

No caso do IPI, a isenção de impostos para compra de veículos só vale para aqueles de fabricação nacional de passageiros ou veículo misto. Já no caso do IOF, a aquisição estão restritas a automóveis de passageiros de fabricação nacional de até 127 HP de potência bruta (SAE).



Destaca-se que a lei não determina que apenas carros automáticos ou com determinadas características possam ser adquiridos. A condição do tipo de veículo não impossibilita a isenção cumulativa do IPI com o IOF, desde que cumpridas as regras de concessão de cada imposto. Outras limitações observada no que diz respeito à condição da pessoa para o enquadramento na isenção.

QUAL O PRAZO PARA FAZER UM NOVO REQUERIMENTO?

IPI: o requerimento de isenção pode ser realizado única vez a cada 2 (dois) anos, contados da data de emissão da nota fiscal referente à aquisição anterior, ainda que no curso desse prazo tenha ocorrido furto, roubo ou perda total do veículo;

IOF: o requerimento de isenção pode ser realizado apenas uma única vez, conforme previsto na alínea “a” do § 1º do art. 72 da Lei nº 8.383/ 1991.

QUAL O PRAZO PARA COMPRA O VEÍCULO APÓS AUTORIZAÇÃO?

Uma vez autorizada a isenção de impostos para compra de veículos pela Receita Federal, o beneficiário tem um prazo de 270 dias para adquirir o veículo.

Caso isso não seja feito dentro desse período, ele poderá formalizar um novo pedido, podendo aproveitar os documentos já entregues – mas tendo que esperar novamente pela resposta.

Kamila Sales - Advogada e consultora Trabalhista, especializada em Direito e Processo do Trabalho (OAB/SC 51.5430).

Yolanda Robert – Advogada especialista em direito do trabalho (OAB/SC 20.852), diretora jurídica da Associação Brasileira de Recurso

Humanos - filial de Joinville e administradora do escritório Robert Advocacia e Consultoria.

Imigração: xenofobia, inclusão e cidadania



O projeto premiado nacionalmente surgiu a partir da observação de que os alunos desconheciam conceitos básicos sobre a imigração (refugiado, imigrante, emigrante, exilado, etc).

Com seu projeto, a professora de história, Angela Maria Vieira foi a vencedora do Prêmio Educador Inovador 2019.

A premiação foi entregue durante o 3º Congresso Brasileiro de Tendências e Inovação na Educação, realizado em Paulínia (SP), no dia 14 de setembro. O prêmio é realizado pelo IBFE (Instituto Brasileiro de Formação de Educadores) em parceria com o site de Porvir.

Xenofobia é um mal que deve ter fim



• Campanha de combate a Xenofobia

Jamily

Joinville - Ainda na fase de diagnóstico, a professora pode verificar que muitas discussões xenófobas na internet, decorrem da desinformação, do preconceito e do racismo. E que, em muitos casos, os autores dos textos, posts e vídeo pensam estar exercendo o direito de livre expressão, mas estão cometendo crime. “A lei é o limite”, enfatiza.

Com o projeto **Imigração: Inclusão e Cidadania**, na categoria ensino médio, a professora de história, Angela Maria Vieira foi a vencedora do Prêmio Educador Inovador 2019.

A premiação foi entregue, no dia 14 de setembro, durante o 3º Congresso Brasileiro de Tendências e Inovação na Educação, realizado em Paulínia (SP). A professora apresentou seu projeto no palco principal.

Em seus mais de 25 anos de magistério, já teve vários de seus projetos reconhecidos por prêmios. Entre as premiações, foi vencedora do Prêmio Educador Nota Dez em 2014, promovido pela Fundação Victor Civita, com o projeto “Os Guardiões dos Sambaquis”. Semi-finalista do Prêmio Vivaldeira em 2015 com o projeto “Diálogos entre História e Literatura”. Ficou entre os 50 finalistas do Prêmio Educador Nota Dez em 2013 com o projeto “A Relação do Homem com o Mar”.

Avaliação diagnóstica

O projeto da professora Angela Maria Vieira foi realizado durante o primeiro trimestre de 2019, com quatro turmas do 2º ano do ensino médio, da EEB Dr. Jorge Lacerda.

O objetivo era trabalhar a empatia e inspirar a abordagem do tema imigração, promovendo a inclusão especialmente dos haitianos, já que a escola tem sete alunos daquela nacionalidade. Os números oficiais do IBGE, de 2018, indicam que há cerca de 4 mil haitianos residindo na cidade.

Durante a avaliação diagnóstica, a professora percebeu que havia muita confusão a respeito dos conceitos que envolvem a imigração: migrantes, imigrantes, emigrantes, apátridas, refugiados, asilados políticos, visto humanitário e expatriados”.

“Trata-se de uma questão contemporânea que integra a matriz curricular do ensino médio e relaciona-se com o entorno da unidade escolar”, relata a professora.

As respostas em geral associavam o fenômeno migratório com as dificuldades econômicas dos deslocados, porém os estudantes não mencionaram os haitianos, apesar do grande fluxo desses imigrantes nas proximidades e na escola. Ao questionar seus alunos, obteve respostas xenofóbicas e preconceituosas. Respostas do tipo: “eles são estranhos” e “minha mãe disse para ficar longe deles”.

A avaliação levou a certeza de que o tema deveria ser aprofundado. O número crescente de haitianos na cidade, a desinformação dos estudantes e as manifestações de racis-

mo e xenofobia presentes nas redes sociais e nos comentários das pessoas em geral foram o ponto de partida para a aplicação do projeto.

“Consegui criar uma boa oportunidade para mobilizarmos habilidades e competências, exercitarmos a empatia, o espírito colaborativo em torno de uma causa, e fazer uso qualificado da tecnologia, como propõe a Base Nacional Comum Curricular (BNCC)”, registrou a professora Angela.

Parceria com Museu

Uma parceria com o Museu Nacional de Imigração e Colonização de Joinville, possibilitou a participação dos estudantes, inclusive haitianos, no projeto “Percurso”.

Durante a caminhada de dois quilômetros pelo centro de Joinville entre o ponto de partida, o Museu localizado na rua das Palmeiras até o Cemitério dos Imigrantes, os estudantes visitam diversos espaços importantes para a memória da cidade e conhecem a história de colonização e imigração da cidade.

“Ao longo do trajeto uma das alunas vindas do Haiti contou que foi vítima de preconceito racial pela primeira vez no Brasil”, contou a professora.

Nas aulas seguintes, a professora voltou ao tema com os alunos, pois pode-se constatar que apesar dos estudos e produções historiográficas, permanece no imaginário dos joinvilenses, a influência histórica e cultural dos povos de origem germânica. Em grande medida é desconsiderada a contribuição e importância de outras nacionalidade na formação da cidade.

Cidade de imigrantes

A atividade seguinte, uma pesquisa sobre a origem dos antepassados surpreendeu. Mais de 37% dos pais e avós os alunos, são imigrantes de outras cidades ou estados. “Os resultados foram expostos em uma tabela e isso criou uma identificação com os imigrantes haitianos”, contou a professora.

As diferenças entre migrantes, imigrantes, emigrantes, apátridas, refugiados, asilados políticos, visto humanitário e expatriados foram transpostos para infográficos.

Por meio da arte naif, um tipo de produção artística popular no Haiti, com cores vibrantes e fortes, os estudantes ilustraram episódios marcantes da história do país que por meio de uma Revolução, que tornou a primeira república negra do mundo, em 1804.

A Lei do Imigrante

Além de ler e discutir aspectos marcantes da lei 13.445, de 24 de maio de 2017, e conhecerem o direito a uma acolhida humanitária, os estudantes e professora, comentaram a lei que trata da proteção dos brasileiros no exterior.

Durante este estudo descobriram que a lei propõe ações de prevenção contra a xenofobia



textos jornalísticos e acadêmico; assistiram ao vídeo “Xenofobia um Crime Silencioso” e a duas campanhas publicitárias de combate à xenofobia, uma da Alemanha e outra de Portugal.

Com o objetivo de expandir a campanha, em dupla, os estudantes, produziram uma “peça publicitária” de combate à xenofobia. “As melhores ideias foram reunidas e enviadas para a Prefeitura de Joinville, como sugestão para uma campanha institucional”, contou a professora.

Ainda dentro da campanha, foram produzidos marca-páginas com informações sobre o Haiti. O material foi distribuído para a comunidade. Um aplicativo de montar campanhas publicitárias foi usado para produzir e disseminar frases e ilustrações contra a xenofobia, nas redes sociais pelos próprios jovens.

Nos dias 16 e 17 de maio, uma exposição de todas as atividades produzidas ao longo do projeto compartilhou o tema com a comunidade escolar.

Compartilhando a experiência

A professora criou o blog <http://angelaclio-historia.blogspot.com> usado como portfólio das atividades realizadas durante o projeto e traz ainda diversas contribuições para o uso de tecnologias na sala de aula.

O projeto da professora Angela e outros 17 concorrentes aos prêmios Educador Inovador 2019, estão descritos no Ebook, disponível no site da Porvir - <http://porvir.org.com-projeto-contra-a-xenofobia-professora-de-joinville-ganha-premio-educador-inovador/>

bia e o racismo, repudia a criminalização da imigração e concede ao imigrante o direito a inclusão social, escolar e laboral, mas não conseguiram verificar políticas públicas nesse sentido em Joinville.

A professora organizou uma roda de conversa com a representante do Centro de Direitos Humanos, Lisandra Couto e com o presidente da Associação dos Haitianos de Joinville, Whistler Ermonfils.

Na continuidade, foram feitas leituras, de

Udesc no ranking das melhores universidades do mundo

A Universidade do Estado de Santa Catarina (Udesc) figura pela primeira vez no ranking das melhores universidades do mundo, o THE (Times Higher Education). O levantamento é elaborado a partir de 13 indicadores que abordam cinco dimensões: ensino, pesquisa, citações de artigos científicos, transferência de tecnologia e internacionalização.

Na edição deste ano foram avaliadas 1.396 universidades de 92 países. A lista tem 46 universidades brasileiras, 11 a mais do que no ano passado. O Brasil saltou de nono para sétimo país com maior número de instituições no ranking,



UDESC ocupa 48ª posição no ranking - Foto da Unidade Joinville

na frente de Chile, Itália e Espanha. A britânica Universidade de Oxford é a líder do ranking.

Todas as novas instituições brasileiras que aparecerem na lista deste ano, incluindo a Udesc, foram classificadas na faixa de mais de 1.001 - a classificação é feita em grupos a partir da posição 200. A Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) também figura no ranking, passou da posição 801-1000 para 601-800.

“Aparecer neste relevante ranking internacional representa muito para a Udesc. Reflete o competente trabalho que temos desenvolvido nos últimos anos nas áreas de ensino, pesquisa e extensão, além da dedicação e qualidade dos nossos alunos. Um resultado para orgulhar todos os catarinenses”, ressalta o reitor Marcus Tomasi.

Produção de pesquisa

Em maio deste ano, a Udesc também se destacou entre as 50 instituições brasileiras que mais produziram ciência entre 1º de

janeiro de 2014 e 31 de outubro de 2018.

O ranking é elaborado pela Universidade de São Paulo (USP), a partir de dados coletados pela base *Web of Science* e compilados pela Clarivate Analytics.

Nessa lista, há 44 universidades (36 federais, sete estaduais e uma particular), cinco institutos de pesquisa ligados ao governo federal (Embrapa, Fiocruz, CBPF, INPA e INPE), também mantidos com recursos públicos, e um instituto federal de ensino técnico.

A Udesc ocupa a 48ª posição no ranking, com quase 1,5 mil trabalhos científicos nos últimos cinco anos, e é uma das duas re-

presentantes catarinenses entre as 50 instituições mais produtivas, ao lado da UFSC.

Destaque nacional

A Udesc segue mantendo Santa Catarina na quarta posição entre as unidades da Federação com as melhores instituições estaduais de ensino superior, atrás de São Paulo, Rio de Janeiro e Paraná, conforme mostra o último Índice Geral de Cursos (IGC), do Ministério da Educação (MEC).

O índice avalia 233 universidades públicas e privadas brasileiras, além de institutos federais de educação, ciência e tecnologia.

Na escala de 1 a 5, a Udesc recebeu conceito geral 4, com IGC de 3,54 (o anterior foi de 3,45), e ganhou cinco posições no ranking das universidades e dos institutos. Neste ranking ocupa a 33ª colocação geral. Entre as instituições de ensino estaduais do Brasil, a Udesc é a nona melhor colocada no ranking. No estado ocupa a segunda colocação, atrás apenas da UFSC.

O evento contará com participação de Adriana Correa, doutora em Ciências da Educação, com foco na área de desenvolvimento curricular pela Universidade do Minho, em Portugal. E de Alessandra Novak Santos, doutoranda em Saúde e Meio Ambiente pela Universidade da Região de Joinville (Univille) e professora titular do Serviço Social da Indústria (Sesi) e da Sociedade Educacional de Santa Catarina (Unisociesc).

Palestra sobre BNCC

A UDESC Joinville promove, no dia 23/10, às 13h30, na sala E03, o evento “**Discutindo a BNCC**”. Não é necessário fazer inscrição prévia. Destinado aos professores que fazem parte dos Núcleos Docentes Estruturantes (NDEs), docentes e alunos das Licenciaturas em Física, Química e Matemática, e demais interessados.



Um espaço de reflexão sobre ensinar, aprender, educar e viver

Coordenação Gilmar de Oliveira

Todos sabemos que a disciplina é um dos maiores entraves da educação com qualidade. E que ultimamente as salas de aula estão mais barulhentas, os alunos indisciplinados e mais desinteressados.

Também sabemos que as escolas militares têm um nível educacional e de disciplina acima da média nacional. As vagas são disputadíssimas, pois a maioria dos pais que se preocupa com qualidade e não tem recursos financeiros (ou não querem investir em escolas particulares) procura uma escola pública administrada por militares.

Em geral, tais escolas são gerenciadas pelos militares e mantidas pelo governo dos estados. A outra modalidade é de escolas técnicas ou de formação de oficiais: escolas militares ligadas às Forças Armadas e modelos de excelência. Sabe-se que estão disponíveis apenas aos melhores alunos das melhores escolas, que podem passar no concurso público para ingressar na carreira militar.

famílias mais estruturadas, com acesso à informação, estrutura que facilite o ensino e menor evasão escolar, melhor desempenho nas escolas daí, não resolve o problema educacional, é chutar cachorro morto!).

As escolas militares que dão certo é porque os pais exigem dos filhos que cumpram a disciplina, que cobram notas e boas aulas, pais ligados na formação educacional, por serem melhor instruídos. Conheci e pesquisei o perfil de vários colégios militares no Brasil. Os pais destes alunos são filhos de militares ou entram por sorteio, mas quase sempre o nível socioeconômico é elevado

Agora, vamos ao outro lado: militarize uma escola na favela, seja num bairro de periferia de uma cidade nordestina ou nos bairros mais violentos e pobres de qualquer cidade do Brasil, do Sul, do Sudeste.

Uma escola em um bairro bem pobre, violento, sem alternativas de

%, quando a primeira aluna mandar a professora se @#%&*, quando trocarem o uniforme por droga, quando quiserem dançar funk descendo até o chão na sala de aula, ou transarem no banheiro, na frente de garotos e garotas fumando maconha, o que farão os militares?

Darão castigos físicos, como nos quartéis? Expulsarão os alunos, perpetuando a exclusão? Chamarão os pais? Terão sorte se os pais vierem, e mais sorte se estes não mandarem criar os filhos, porque “não dão conta”. Na certa seus carros ficarão sem riscos, seus pneus cortados, se não derem tiros na escola, como alerta, por desafiarem os filhos dos traficantes.

Pode entrar qualquer militar, qualquer político demagogo amante de rigor e disciplina: quem resgata esses alunos são professores civis, que correm riscos todos os dias, que dialogam, que fazem das tripas coração para dar um mínimo, para salvarem uns pou-

ESCOLAS CÍVICO-MILITARES: UM FRACASSO ANUNCIADO

O projeto do atual governo, de implantar escolas cívico-militares nas cidades, é mais uma das tantas medidas equivocadas que vimos neste início de governo e fazem os especialistas em Educação perder a paciência. Não dará certo!

Eu cravo a minha opinião em tom de exclamação: Vai dar errado! E não é torcer contra, aliás, bons governos independem de torcida, dependem de eficácia. As escolas cívico-militares só darão certo nas regiões de classe média para cima. Até a classe C, as escolas podem dar certo. Mas em regiões mais carentes, será um fiasco. Claro, o governo mostrará como modelos de sucesso, maquiando os números.

Não, leitor, não sou profeta. A miopia dos técnicos e dos altos escalões do MEC é de dar arripes em quem tem um mínimo de informação sobre as políticas públicas e o atual mau gerenciamento. E isto mostra que os técnicos do MEC não percebem o perfil das regiões que pretendem implantar as escolas cívico-militares.

Se implantarem as escolas militarizadas em bairros com maior IDH, com melhor qualidade de vida, obviamente, encontrarão

lazer, de saúde, de renda, sem espaço para atividades juvenis; onde os pais não foram bem instruídos, pois a escola por onde estudaram não transformou suas vidas, não tiveram estrutura para terem profissão, onde a Educação formal não muda nada na vida de ninguém.

Num bairro de famílias excluídas, famintas, sem estrutura, onde a mãe tem 5 ou 6 filhos de pais diferentes, todos eles sumidos, onde ela luta sozinha ou precisa dos filhos ajudando com biscates, porque o Estado não a percebe como cidadã, nem os ex-maridos assumem suas paternidades.

Aí, entrem com coronel, major, tenente e toda a patente. Organizem as filas! Cantem o Hino com a mão no peito! Façam as tarefas, tragam os uniformes limpos. Meninos sem brincos e cabelos curtos, ninguém de tatuagem, meninas de coque e saia. Professores recebidos com honra militar, respeito e civismo. Aulas onde se ouve um alfinete cair no piso, de tanto silêncio. Onde todos estudam e se dedicam.

Sim, isso lá naquele lugar feio, triste, pobre, onde a escola não fez efeito algum. Quando o primeiro aluno mandar o professor tomar

cos, incluindo, convencendo que a Educação é a saída. Não é com militarismo. É com inclusão. Afinal, o problema não está na escola, apenas reflete nela o que se vê na sociedade onde político não pisa.

Uma sociedade formada longe do apoio do Estado, sem estrutura na região, sem ações positivas e inclusivas, mas cheias de políticos criando e louvando “Mitos” e “Salvadores da Pátria”, trocando voto por dentadura, culpando só o marginal pela bandidagem. A bagunça está em proibir falar de sexualidade, em proibir uma discussão de temas sociais porque possuem “ideologia vermelha”; baderna é espalhar boatos contra professores. Escola militar alguma dará certo, num país onde a parte da sociedade que mais precisa foi abandonada e se governa por redes sociais.

Sobretudo, a indisciplina e a criminalidade são reflexos da falta de políticas públicas, de estrutura das escolas, dos conteúdos escolares sem cidadania, que não atingem a realidade dos usuários. Ali, na escola em plena baderna, está a consequência de uma sociedade esquecida, excluída e marginalizada. Não há farda nem hino que melhore esta situação.

* Gilmar de Oliveira, psicólogo clínico e professor universitário; especialista em Neuropsicologia e Aprendizagem; Mestre em Educação e Cultura. E-mail: psicogilmar@gmail.com

@psicogilmar
facebook.com/psicogilmar



Coordenação: Professor Dr Leandro Villela de Azevedo

Com quantos paus se faz uma canoa?

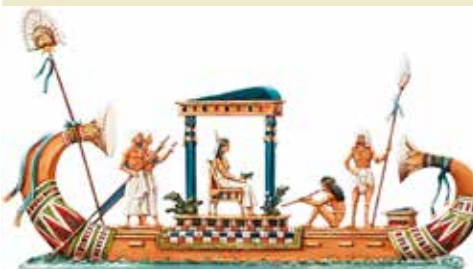
Me perdoem o trocadilho do título, mas o objetivo desse texto é refletir sobre o surgimento da navegação. Afinal, quem teriam sido os inventores das técnicas navais. Assim como a disputa entre Alberto Santos Dumonte os irmãos Wright a invenção da navegação também não é tão simples como se parece.



A princípio a disputa se dá entre os Egípcios e os Fenícios. Os Egípcios já tinham navegação no rio Nilo muito antes dos fenícios pensarem em existir (já tinham navegação desde 3500AC enquanto os fenícios surgem em 2000AC) – Entretanto por muitos anos os egípcios conseguiam navegar única e exclusivamente no Nilo

Isso porque os seus primeiros navios não tinham nem velas e nem remos. Assim as gôndolas de Veneza o navio era movido com varetas longas que “empurravam o fundo do rio Nilo” dando impulso as embarcações, o que não era possível de se fazer no oceano.

Já os Fenícios de forma muito mais evoluída já tinham remos e velas, que permitiam os navios serem empurrados adiante “em qualquer lugar” e teriam iniciado as navegações marítimas. Claro que logo os próprios Egípcios começaram a copiar a técnica fenícia, mas apenas na época de Ramsés (alguns séculos após os fenícios terem inventado a



navegação)

A Polêmica continua ao se pensar o primeiro navio capaz de atravessar não somente mares (costeando os continentes) mas os oceanos. Desta vez a disputa vai entre Portugueses e Chineses. Os chineses já tinham navegação oceânica muito antes dos portugueses, e por volta de 1400DC chegaram ao ápice dessa tecnológica as chamadas cidades flutuantes, capazes de abrigar ate 1000 pessoas.

Com essas eles nas expedições de Zheng He cruzaram o oceano índico e parte do pa-

cífico, mapeando a África e a Índia (e alguns creem em indícios de que teriam chegado até a América)

Mas a questão é que as cidades flutuantes eram muito pesadas e tinham pouca navegabilidade, ficando a mercê de tempestades e não conseguindo avançar em “ventos favoráveis”, já as caravelas portuguesas eram menores e mais ágeis e graças a técnica das velas triangulares podiam rumar mesmo em ventos contrários (em ângulos de até 60 graus) fazendo com que fossem muito mais evoluídas

E os navios a Vapor? Tem consenso? Seriam os ingleses construtores do Titanic? Não, nem de longe. Nesse caso a disputa é entre Estados Unidos e França. Os Franceses saíram na frente, alguns anos antes da revolução francesa por sinal. Através de um motor que girava duas rodas com pás, uma de cada lado, moviam e viravam o navio.



Mas como era preciso muito carvão e lenha para mover o navio ele não tinha muita autonomia. (pois se carregasse carvão para uma longa travessia teria que ser maior, logo precisaria de mais carvão para dar força para se mover) – Por isso após a revolução o projeto foi abandonado por um tempo e recuperado anos depois pelos Estados Unidos.

O motivo era que eles tinham o rio Mississippi como principal rota de escoamento da produção de algodão, como não era uma navegação no mar mas no rio os navios a vapor podiam ser reabastecidos rapidamente e continuar a viagem.



Por último ... e com quantos paus se faz uma canoa? Se for depender de nossos indígenas ganhamos de longe em termos de eficiência pois a resposta seria “com um só” pois muitos povos nativos da América desenvolveram técnica de escavar um único tronco resistente e com ele fazer a canoa completa, sem encaixes e com alta durabilidade

Professor Leandro Villela é mestre e doutor em História Social pela USP e professor da rede particular de ensino em São Paulo. É autor de coleções didáticas e paradidáticos.



Em uma assembléia, no ano de 2017, época em que Portugal vivenciava a dor da perda de 144 pessoas e da vegetação do Pinhal de Leiria, parque histórico com mais de 700 anos de existência, um aluno do Colégio Quinta do Mar, na Póvoa de Penafirme, perguntou como poderiam ajudar. Os professores o incentivaram a continuar e o resultado foi um projeto que mobilizou todo o país na recuperação da área atingida e da qualidade de vida de seus habitantes. A diretora da escola, Rute Bernardes, nos conta como tudo aconteceu.

O silêncio da destruição era gritante...

Enquanto nos meios políticos e de comunicação se jorravam e empurravam culpas e deveres, o negro das imagens e o desespero dos olhares das vítimas teimavam em não nos sair da memória.

- Então, e o que podemos fazer para ajudar?

Que raio! É suposto um miúdo de 6 anos fazer uma pergunta destas?

Sim... só poderia sair mesmo da boca de um miúdo de 6 anos que jamais imaginaria que para “se fazer alguma coisa para ajudar” temos que nos “saber movimentar” e ter conhecimentos em “certos meios”.

sugere um outro.

Mais um miúdo “alucinado”...

Um dos mais velhos, já bem mais “consciente”, encolhe os ombros e solta um suspiro de desdém dizendo:

- Pfff! Achas mesmo que nos responde?

Um misto de emoções pairou naquela sala.

As professoras intervêm novamente solicitando a opinião de todo o grupo:

- O que acham? O nosso presidente irá responder ou não?

Dezenas de bracinhos sonhadores levantam-se entusiasmados num uníssono

As crianças replantam Portugal

Miúdo, sabias que para altruisticamente replantar o NOSSO pinhal de Leiria, mandado plantar pelo NOSSO rei D. Dinis, tens que, para além de comprar as árvores, ter bastante capital para limpar e preparar o chão?

Sabias que, para fazeres doações a quem tudo perdeu, para além de recolheres os bens, tens que “bater de porta em porta” nos locais afetados a perguntar quem necessita, porque a grande maioria das autoridades locais não se organiza para receber donativos?

Não... não sabes, pois não, miúdo? Se não, jamais farias essa pergunta!

É tão bom ser criança, cheio de ilusão, espírito empreendedor e coração leve de pesos humanos!

Fizeste essa pergunta naquela assembleia de escola?

Os teus professores não se riram nem te desmotivaram? Boa! Tiveste sorte hein?

- Lancem as vossas ideias - disseram as professoras orgulhosas - o que acham que podem fazer?

- Escrever ao Presidente Marcelo para que nos ajude a replantar Portugal -

SIMMMM!

Perante os olhares benevolentes de muitos adultos, escreveram-se cartas e e-mails, criou-se um site, inventou-se um conto infantil, lançou-se um logotipo, estabeleceram-se parcerias, plantaram-se árvores, fizeram-se recolhas de bens de primeira necessidade, sensibilizou-se a comunidade para a necessidade de prevenção, ouviram-se elogios dos meios de comunicação e, por fim,... recebeu-se uma carta oficial do nosso Presidente da República Marcelo Rebelo de Sousa a congratular o grupo pelo projeto.

O projeto foi um sucesso? Mas o que é o sucesso? Umhas dezenas de árvores plantadas e umas “palmadinhas nas costas” de quem está no topo da hierarquia?

Sucesso é conseguirmos observar que, no meio de tanta destruição (de florestas e valores), surgem pequenas plantas fortes e saudáveis, ávidas de esperança e motivação, que irão seguramente replantar o país: as nossas crianças!

O que podemos enquanto escolas e professores, fazer para as ajudar a crescer neste sentido?

ACREDITAR NELAS!

Sugestão de criança de seis anos resultou em projeto que recuperou parque histórico, o Pinhal de Leiria, área com mais de 700 anos de história plantada pelo Rei Dinis, praticamente todo devastado por um terrível incêndio em 2017.

As regiões montanhosas de Portugal sofrem anualmente com incêndios florestais durante a época de seca, que vai de junho a outubro. Praticamente todos os anos, o país entra em alerta máximo por causa dos incêndios florestais.

Em 2018, na região turística da serra de Monchique, na Algarve, várias cidades foram esvaziadas. O fogo matou 144 pessoas nos incêndios gigantescos de 2017.



Além de enviar uma carta em resposta à solicitação das crianças, o presidente de Portugal, Marcelo Nuno Duarte Rebelo de Sousa, alguns meses após o início do projeto, visitou pessoalmente a escola. Na foto, o presidente e a diretora Rute Bernardes.



A apresentadora de TV e blogger Leonor Poeiras participou de um evento de plantação dando visibilidade nacional ao projeto.



A comunidade e autoridades abraçaram o projeto. A escola recebeu doações, mudas e equipamentos de empresas, ONGs e o apoio de jornalistas.

Entre os apoios que deram visibilidade ao projeto, o de Leonor Poeiras, blogger e apresentadora de televisão.

Juntamente com 35 crianças, plantaram pinheiros-mansos na localidade de Torres Vedras.

A imprensa local registrou o evento informando que “a iniciativa insere-se no âmbito do Projeto

ProNatura, resultando de uma parceria entre o Município de Torres Vedras, a Associação Nacional de Empresas Florestais, Agrícolas e do Ambiente - ANEFA e a GALP. Só nessa parceria, foram cedidas 6.000 árvores autóctones para arborização.

O PINHAL DE LEIRIA nasceu por ordem do rei Dom Afonso III (1248-1279) no século XIII, com o intuito de travar o avanço e degradação das dunas, bem como

proteger a cidade de Leiria, o seu Castelo e os terrenos agrícolas da sua degradação devido às areias transportadas pelo vento.

Alguns autores atribuem o começo da plantação do pinhal a Dom Sancho II (1223-1248). Seria, então aumentado substancialmente, mais tarde, entre 1279 e 1325, pelo rei Dom Dinis I, para as dimensões de até o incêndio de 2017, cerca de 11.080 hectares.



É com imensa alegria que volto a escrever para este conceituado Jornal, depois de alguns meses afastado por motivos de saúde. Leitores da minha coluna sabem que o tema central de meus artigos são as religiões, cujos dogmas e doutrinas são examinados com a lupa da Ciência e da pesquisa histórica, bem como com o auxílio da filosofia, psicologia, e outros saberes humanos.

um Deus olhando por nós, e que atende nossos pedidos quando feitos com o coração limpo e piedoso.

Gostaria agora de falar sobre minha experiência com a fé no momento mais difícil que enfrentei na vida. Em outubro de 2018, dores no abdômen me levaram ao hospital, onde foi diagnosticado um tumor nos intestinos, com metástase no fígado.

Graças a minha fé, construída desde minha infância, em meio a um lar católico fervoroso, não senti medo da morte, nem achava que

O PODER DA FÉ



Quem já leu algum dos meus artigos, deve ter percebido que não critico Deus e a fé religiosa, mas o que foi dito sobre Deus e as ideias religiosas, muitas das quais extremamente perigosas para o crente e para a humanidade.

tudo estava perdido. Ao contrário, deixei tudo nas mãos dos médicos e de Deus. No fundo da minha alma, sabia que, de algum modo, forças extrafísicas estavam agindo em favor da minha cura.

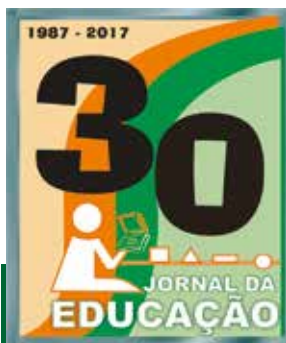
Só para lembrar, a Santa Inquisição, o casamento infantil na Índia, a mutilação genital de meninas, e os ataques terroristas praticados por muçulmanos radicais têm em comum as convicções religiosas, fundamentadas em livros chamados de “sagrados”, pois, segundo dizem os devotos, foram inspirados pela voz de Deus.

Hoje, depois de seis meses submetido à quimioterapia, o tumor reduziu em mais de 70%. O próximo passo do tratamento será medicação oral, menos agressiva para o organismo, mas tão eficiente quanto a quimio no combate à doença. Muitos acreditam que o câncer ainda não tem cura, mas milhares de pessoas em regiões diferentes do planeta são exemplos de que a fé é capaz de surpreender até os mais céticos.

Embora as religiões tenham sido usadas frequentemente para incitar o ódio, o preconceito e a perseguição contra inocentes, por outro lado elas têm seu quinhão de utilidade e benefícios para quem crê e os que estão em volta. E talvez o maior contributo da religião seja o conceito de fé, isto é, a crença inexorável de que existe

A própria ciência tem, através de diversos estudos, comprovado o poder da fé nas curas “milagrosas” de pacientes que haviam sido desenganados pelos médicos. Portanto, é bom termos a ciência por perto, mas se você tiver fé, tudo fica mais fácil.

Fernando Bastos é escritor, ilustrador e artista plástico. Publicou dois livros: “Teofania” e “Crimes em nome de Deus”. E-mail: fernandoilustrador@gmail.com e Facebook: https://www.facebook.com/fernandocesar.bastos



PROFESSOR, seu trabalho resultou em aprendizagem?

Mande sua sugestão de pauta:

jornalismo@jornaldaeducacao.inf.br

www.facebook.com/Jornal da Educação

www.jornaldaeducacao.inf.br



Centenário da Pedagogia Waldorf

Fernanda Gomes Vieira¹
Norberto Dallabrida²



A Pedagogia Waldorf começou a ser construída na “Escola Waldorf Livre”, criada por Rudolf Steiner em 23 de abril de 1919 no depósito de tabacos da fábrica de cigarros Waldorf-Astória em Stuttgart (Alemanha). O aniversário de cem anos dessa escola nos faz lembrar a proposta pedagógica criada por Steiner, estribada no regime associativo, e pensar sobre as suas reverberações no debate educacional no tempo presente. Acreditamos que, neste ano, vale a pena reler alguns aspectos instigantes da Pedagogia Waldorf neste canto do jornal.

Quais os fundamentos dessa pedagogia livre e diferente? Com base na Antroposofia, a pedagogia Waldorf é orientada pelos ritmos da vida, os setênios, fases da vida traçadas pela Antroposofia que acontecem de 7 em 7 anos para entender a questão da maturidade e do desenvolvimento da criança. E prevê uma educação com presença do professor, mas que não deve ser comparada a uma aula expositiva tradicional porque envolve os alunos em uma experiência de interação e absorção dos conteúdos de várias formas. Nesse sentido, os livros didáticos são efetivamente os cadernos de épocas construídos pelos próprios alunos e os trabalhos artísticos são outra abordagem de grandiosa importância nesse sistema pedagógico e perpassa por todos os anos escolares.

Mas não são apenas as artes visuais que integram o currículo na Pedagogia Waldorf, pois a música é também utilizada de acordo com as fases da criança, de sorte que alguns instrumentos musicais são aprendidos ao longo da formação de acordo com a Antroposofia. A movimen-

tação corporal é valorizada e, por isso, as crianças vivenciam o teatro no cotidiano escolar. E, criada pelo próprio Steiner e de maneira bem sinestésica, a Eurytmia, que pode ser definida como a “língua visível” ou o “canto visível”, transforma som em gesto e isso trabalha todas as forças anímicas humana, pois ela age cultivando a vontade humana. E o currículo Waldorf também contempla também o ensino religioso cristão livre, que tem como foco o desenvolvimento da religiosidade.

A Pedagogia Waldorf necessita de formação específica e um vasto conhecimento da filosofia proposta pelo Rudolf Steiner, o que a torna tão única. Tem-se um olhar para as possibilidades individuais, ou seja, é uma pedagogia personalizadora. Afinal, seu criador acreditava que a pedagogia devia atuar como um fator preventivo em cada ser e caminhar ao lado da medicina e, não sem razão, as escolas waldorfs têm um médico escolar. E por usar muito da natureza e seus elementos como educadores, grande parte dessas escolas tem um ar bucólico e campestre e seus alunos experienciam aprendizagens como carpintaria, jardinagem, agricultura e vários outros trabalhos manuais.

Geralmente não inscrita na tradição pedagógica inovadora do século XX e marginalizada nos cursos de Pedagogia, a proposta pedagógica criada por Rudolf Steiner tem eco na educação nos dias que correm. Oxalá que o centenário da instituição da Escola Waldorf Livre desperte o interesse dos educadores sobre os fundamentos e os usos da pedagogia pensada por Steiner.

Norberto Dallabrida * Professor da UDESC e autor de “Ensino secundário público e de qualidade no antigo Instituto de Educação: Florianópolis, 1947-1963 (Editora da UDESC/Dois por Quatro Editora, 2017) - E-mail:norbertodallabrida@gmail.com

DESBUROCRATIZAÇÃO

Gov. federal lança carteira estudantil digital e gratuita

Brasília - O presidente Jair Bolsonaro assinou no dia 6 de setembro, medida provisória que cria a ID Estudantil. Gratuita, a carteirinha será disponibilizada em ambiente digital, nas lojas Google Play e Apple Store.

A ID Estudantil poderá ser utilizada por todos os estudantes da educação básica, profissional, tecnológica e superior. A tecnologia evitará impressão de papel e reduzirá a burocracia, no entendimento do governo.

A medida prevê também a criação e manutenção de um banco de dados único e nacional dos estudantes, permitindo acompanhar, por exemplo, a regularidade escolar do beneficiado com a ID Estudantil. Com isso, será possível a construção e verificação de toda a jornada estudantil, o que será de suma importância para avaliação, monitoramento e execução de políticas educacionais.

O estudante interessado em obter sua carteirinha digital deverá declarar ciência de que seus dados poderão ser utilizados para a composição do cadastro unificado e para utilização no ciclo das políticas públicas estudantis.

Com a medida, o MEC passa a realizar a emissão do documento. A mudança não retira a prerrogativa das entidades que já fazem o processo, apenas oferece ao estu-



dante uma alternativa.

O presidente ressaltou a importância da medida para os mais pobres. “Tem muito estudante pobre e R\$ 30 por ano faz falta para ele. Se podemos tê-la [carteira estudantil] de forma gratuita, por que não?”, disse.

O ministro da Educação, Abraham Weintraub, destacou a agilidade que a iniciativa trará. “Quem não tem conexão com a internet pega [a carteira] na Caixa a custo zero, quem tem pega no celular e faz todo o procedimento por ali”, explicou.

A ID Estudantil será concretizada por meio de medida provisória. O MEC enviará o texto ao Congresso Nacional. Após aprovação pela Casa, o projeto vai à sanção presidencial. A emissão das carteiras terá início 90 dias depois da publicação no Diário Oficial da União (DOU).

institutorei
institutorei
(47) 3422.8906
irei.com.br

IREI Clínica

Estética Facial

ACNE, OLHEIRAS
CLAREAMENTO DE MANCHAS
PEELING DE DIAMANTE, QUÍMICO E ENZIMÁTICO
FOTOTERAPIA FACIAL
REJUVENECIMENTO, FLACIDEZ
ALOPECIA (QUEDA DE CABELO)
LIMPEZA DE PELE PROFUNDA
DRENAGEM LINFÁTICA FACIAL
MICROCORENTES, DEPILAÇÃO FACIAL
REVITALIZAÇÃO, HIDRATAÇÃO PROFUNDA

Estética Corporal

ESTRIAS E CELULITE
FLACIDEZ CORPORAL
GORDURA LOCALIZADA E FOLICULITE
DEPILAÇÃO E CLAREAMENTO DE PELOS
PRÉ E PÓS OPERATÓRIO
GOMAGEM + HIDRATAÇÃO CORPORAL
LASERTERAPIA E TRATAMENTOS COM APARELHOS

Massagens

SHIATSU, RELAXANTE E SUECA
DRENAGEM LINFÁTICA
TERAPÊUTICA DA COLUNA
PONTOS DE TENSÃO COM LASER
E DESATIVAÇÃO MANUAL

Podologia

ONICOMICOSE
UNHAS ENCRAVADAS
CALOSIDADES
VERRUGA PLANTAR
FISSURAS, RACHADURAS
CORREÇÃO DA CURVATURA DA UNHA
CUIDADO COM OS PÉS DIABÉTICOS

IREI INSTITUTO
REFERÊNCIA
EM EDUCAÇÃO
INTEGRADA